

Contribuições aos métodos de pesquisa da arte da talha no Brasil

Prof. Dr. Luiz Alberto Ribeiro Freire

Professor da Escola de Belas Artes- EBA/UFBA

Membro do CBHA

O grandioso e diverso patrimônio de igrejas ornamentadas com talhas policromadas e douradas no Brasil vem sendo objeto de pesquisa desde a década de 1940. Os primeiros historiadores dessa arte interessavam-se por revelar a autoria, a época e a classificação estilística dos exemplares, dados muito restritos para um fenômeno tão complexo, que suscita muitas análises, questionamentos e implicações culturais de toda ordem.

Ao empreender uma pesquisa sobre esse tema nos dias atuais, o entendimento do historiador da arte contemporâneo leva-o a perseguir a elucidação das diversas faces do prisma. O conhecimento de cada uma dessas faces deve atuar em favor da construção de um discurso que revele a urdidura social do fazer artístico, da manifestação artística e do seu usufruto, incluindo o sistema de significações.

Neste texto pretendemos, com base no conhecimento da historiografia da arte da talha no Brasil e fundamentados na experiência de dez anos de estudo da talha na Bahia oitocentista, realizar reflexões e contribuir para os métodos de estudo deste relevante patrimônio artístico brasileiro.

Entendemos como arte da talha o produto da transformação escultural que o homem submete à pedra, e mais especialmente à madeira, gerando peças com formas funcionais e estéticas específicas, que revelam o repertório estilístico ocidental e contribuem no seu conjunto para a composição do espaço dos templos católicos atendendo a requisitos religiosos, estéticos, econômicos, simbólicos e mentais das sociedades européias e nas áreas de sua influência, em especial o centro e sul da América.

O pesquisador que se debruça sobre a arte da talha vai encontrar obras em abundância nos grandes centros urbanos coloniais do Brasil e em pequenos povoados e vilas, e nas igrejas matrizes das cidades fundadas até o século XIX, constituídas de, no mínimo, um retábulo-mor, e, no máximo, de grandes, conjuntos ornamentais, formados de várias peças submetidas ao princípio da simetria e da harmonia decorativa.

Diante de tão vasto acervo, o pesquisador pode fazer inúmeros recortes no sentido de delimitar o seu objeto de estudo, desde o estudo das peças em particular (retábulos, tribunas, púlpitos, sanefas, grades, arremates de arco-cruzeiro, tetos com suas cornijas e cantoneiras, molduras de painéis, etc.) ao estudo de um ou mais conjuntos ornamentais. Tanto as peças individuais como os conjuntos podem ser analisados no âmbito do templo que adornam, do seu padroeiro e das imagens dos santos aos quais estão a serviço, como também da transformação que sofrem ao longo do tempo, na representação dos estilos, dos símbolos, na arquitetura, repertório ornamental, policromia e nos demais aspectos que correspondem à filosofia e mentalidade vigente.

Construído e delimitado o objeto, o passo seguinte é se apropriar dele o mais possível através do seu cadastramento gráfico, fotográfico, filmográfico e demais técnicas de registro da imagem, etapa que é preciso ser feita pelo próprio pesquisador, pois a cada ângulo selecionado, a cada close que se dê, a cada aproximação e distanciamento permitidos pelas lentes, o olhar vai tomando intimidade, as formas vão se revelando e o conhecimento delas vai se adensando. Do mesmo modo, é imprescindível desenhar as peças, mesmo quando não haja habilidade nem disposição. É necessário experimentar o retorno da linguagem tridimensional à bidimensional de origem. Esse exercício permite um grau de conhecimento singular, só possibilitado pelo desenho esquemático.

Findo o cadastramento, que pode ser organizado em fichas ou em álbuns, a dependente do recorte do objeto, se peças ou conjuntos, o pesquisador detém no espaço de trabalho toda a sua amostra, podendo analisá-la a qualquer hora. Mas é preciso estar atento para a necessidade de sempre retornar aos interiores das igrejas, para ver, rever, perscrutar e analisar as peças e a composição no próprio local, sob a luz (artificial e natural) do ambiente, observar o uso cotidiano e a relação do sacerdote e fiéis no contexto ritualístico.

A pesquisa bibliográfica, arquivística e iconográfica dependerá do enfoque e da extensão que se dará à pesquisa, pois o estudo da arte da talha suscita questionamentos vários, tais como: estudo das formas, das técnicas de entalhe e douramento, da iconografia (dos elementos da talha e das imagens inseridas nos retábulos), dos artistas, formação da mão-de-obra e organização do trabalho, das relações entre os artistas e a clientela, dos clientes, do sistema imagético, dos preços e de suas relações mercadológicas; dos significados religiosos e culturais. Cada um desses aspectos pode ser tratado isoladamente ou no seu conjunto, em um tempo alargado ou curto, conforme a natureza da pesquisa (trabalho semestral de disciplina, monografia de final de graduação ou de curso de especialização, dissertação de mestrado ou tese de doutorado) e o tempo de que se dispõe para realizá-la. Mas o que não é recomendável atualmente é desligar completamente a maioria dos aspectos do sistema cultural espaço-temporal específico.

Para cada aspecto da arte da talha estudado o pesquisador deverá formular questões a serem respondidas com a pesquisa bibliográfica e arquivística e até mesmo com a observação direta e outras técnicas como entrevistas. A seguir destacaremos os aspectos, as respectivas questões e as fontes de pesquisa que poderão dar respostas a elas.

Estudo das formas

Neste âmbito da morfologia o pesquisador pode fazer inúmeras questões a si próprio, mas há perguntas fundamentais a serem formuladas, tais como: qual a identidade formal das peças?; Quais os tipos concebidos das peças de talha (retábulos-mores, colaterais e laterais, púlpitos, sanefas, tribunas, tetos, grades, molduras de painéis, cantoneiras de tetos, arremates de arco cruzeiro, etc.); Houve variações? Como variaram? Quais as semelhanças e dessemelhanças?; Qual o cromatismo das peças e dos conjuntos; Quais as influências externas nas formas?; Quais os determinantes internos?; Como se dava a invenção dessas formas?; De que maneira ocorreu a adesão e transformação dos modelos externos e internos?; Como os estilos ocidentais foram interpretados?; Que transformações sofreram as peças e os conjuntos ao longo das balizas cronológicas?; Quais as funções utilitárias de cada peça ornamental?; Que sistema ornamental foi adotado? Houve constância, ou cada igreja apresenta sistema específico? Qual a identidade deles?.

Os instrumentos que poderão dar respostas a estas questões estão na análise da documentação fotográfica e gráfica, na observação direta delas e na relação com a iconografia dos manuais de história da arte que tratam dos estilos ocidentais (Renascimento, barroco, rococó e neoclássico), dos dicionários de termos artísticos, nas fontes iconográficas dos congêneres de outras localidades brasileiras e européias, especialmente de Portugal e dos territórios colonizados pelos portugueses; nos tratados arquitetônicos e ornamentais publicados na Europa do século XVI ao XIX e nas gravuras avulsas produzidas nos grandes centros europeus de criação artística. Tanto os tratados quanto as gravuras eram utilizados pelos artistas na Europa e no Brasil como fontes de inspiração para os seus projetos, mais ainda as gravuras, que eram mais baratas e, portanto, acessíveis aos artistas.

Através do estudo destas fontes iconográficas, podemos identificar não só a influência das estruturas retabísticas como a dos temas utilizados nos arremates de retábulos e de outras peças de talha. Em Portugal, há coleções importantes de tratados na Biblioteca Pública do Porto e na Biblioteca da Academia Nacional de Belas Artes de Lisboa, entre outras instituições. Importante coleção de gravuras se encontra na Biblioteca da Faculdade de Belas Artes do Porto. Nas demais capitais européias há valiosos núcleos de tratados e gravuras, como no Gabinetto delle Stampe de Roma, Itália e na

Bibliothèque Nationale de France em Paris. Contudo, a importância de se pesquisar estes acervos nas instituições portuguesas reside no fato de que as gravuras preservadas estão estreitamente relacionadas com o tráfico de influências artísticas do restante da Europa para Portugal e de Portugal para o Brasil. É indispensável a análise dos dois volumes do tratado de Andrea Pozzo, de Blondel, D'Aviller, e de muitos outros arquitetos e ornamentistas, das gravuras dos arquitetos e cenógrafos da família Bibiena, especialmente de Giuseppe Galli Bibiena; do *Livre d'autels et tombeaux* de G. M. Oppenord, das gravuras de Phillippus Passarinus, Carlo Rainaldi, Carlo Fontana e de gravuras de aparatos de exposição do Santíssimo Sacramento e de catafalcos de pompas fúnebres de monarcas.

Outra fonte iconográfica muito preciosa para entendermos e até datarmos a presença dos ornatos estilísticos nas cidades do Brasil colonial e imperial, são os compromissos das irmandades e ordens terceiras. Neles, as primeiras folhas vêm ornamentadas com cartelas e frontispícios ao gosto do estilo vigente na época em que foram feitas, muitas vezes as outras folhas trazem molduras desenhadas e ornadas. Como esses compromissos vêm datados no frontispício e nas folhas dos despachos, é possível relacionar o estilo dos ornamentos gráficos com a data existente.

Estudo dos materiais e técnicas

Como é sabido, há um certo conservadorismo no emprego de materiais e das técnicas, menor nos materiais, que são modificados pela evolução da indústria e maior nas técnicas, que, permanecendo manuais, tendem a manter os mesmos procedimentos.

O estudo desse aspecto deve ser feito pelo cruzamento da observação direta dos materiais e técnicas empregados na atualidade com os manuais antigos (dos séculos XVII, XVIII e XIX) e ainda com a documentação primária relativa à contratação da obra pelas organizações religiosas e pelas atas que acompanham o dia-a-dia das obras. Nos contratos é muito comum encontrarmos prescrições sobre a qualidade dos materiais e, no caso da pintura e douramento, chegam a determinar a maneira de como a talha será pintada e dourada, onde será policromada, que tipo de policromia, se haverá fingimento de pedras e de casco de tartaruga, etc. Esses contratos também revelam a procedência dos materiais e toda a logística que envolve a aquisição, importação, etc.

Poucos documentos, entretanto, tratam das etapas do entalhamento, da pintura e do douramento, e menos ainda das substâncias que são usadas. Mas podemos em alguns documentos obter informações sobre adaptações de materiais, como a substituição da cola de cartilagem de coelho pela de boi e da reprovação desse procedimento por parte da clientela.

É de muita valia a visita, observação, registro e entrevista de um ou mais artistas especializados nas técnicas do entalhamento, douramento e pintura e que mantenham muito das técnicas do passado.

Há manuais franceses do século XVIII que explicam passo-a-passo as técnicas, seus efeitos e os materiais que devem ser usados, assim como as vantagens e desvantagens, dentre eles podemos citar *Secrets concernant les arts et métiers, Segredos necessários para os ofícios, artes, e manufacturas, e para muitos objectos sobre a economia domestica*.

É possível, inclusive, fazer análises laboratoriais e punções dos materiais para conhecer, por exemplo, a qualidade do ouro empregado, o teor de liga, que metal foi usado como liga e assim por diante, bem como das madeiras, para identificá-las, muito embora os documentos apontem a preferência pelo cedro.

Estudo iconográfico e iconológico

A talha dos retábulos e das demais peças apresentam duas ordens de elementos: uma que denominaremos clássico, decorrente da tradição arquitetônica da Grécia e da Roma Antiga, que se mantém enquanto dura a tradição dos retábulos e da talha, constituído das estruturas arquitetônicas que interpretam as ordens arquitetônicas clássicas e seus ornatos próprios; e a outra que abrange o variado repertório ornamental fitomorfo, zoomorfo, antropomorfo, híbrido (fito e zooantropomorfo), fantástico, armorial e alegórico, que adere e até camufla as estruturas, cujo uso varia conforme o estilo artístico vigente. A essa categoria denominaremos elementos simbólico-ornamentais. Há nesse repertório ornatos provenientes da tradição clássica e outros provenientes de outras culturas e ainda aqueles concebidos pelos artistas de períodos determinados.

Conforme já nos referimos, a compreensão dos elementos clássicos provêm do estudo da tratadística, mas a dos elementos simbólico-ornamentais deve ser procurada em textos religiosos, especialmente a Bíblia Sagrada dos Católicos, na literatura clássica, na heráldica, medalhística e nos escritos sobre a grafia dos símbolos e seus significados, abundantes na Europa desde o século XVI.

Obras como a de Cezare Ripa, Alciato, Aurélio Prudêncio e outros são indispensáveis para verificar os elementos iconográficos, a variação e permanência destes elementos, os textos literários correspondentes ou que influenciaram a definição do ícone e sobretudo o significado dele.

A leitura e a decodificação dos elementos de um templo católico tridentino, principalmente do imaginário, seja na talha ou na pintura, estão diretamente ligados à hagiografia e à história das ordens religiosas regulares. O conhecimento da história da vida do santo fundador da ordem e da própria

ordem ajuda a compreender as cenas que estão pintadas sobre os azulejos, as cenas e os elementos simbólicos pintados nos painéis e nos tetos, as armas que acentuam o arco cruzeiro e os altares, e as imagens que estão entronizadas nos retábulos colaterais e laterais, assim como a ordenação delas. Para tal, é imprescindível a leitura da *Lenda Dourada*, do *Flos Sanctorum*, de Louis Réau, etc.

Estudo da clientela

É importante conhecer o perfil socioeconômico e cultural da clientela que empregava os artistas na ornamentação dos templos. No Brasil, ela se constituía de irmandades, ordens terceiras e do clero regular. A documentação abundante existente nos arquivos dessas organizações permite a identidade dos componentes das mesas administrativas, das figuras mais eminentes que ocupavam os maiores cargos, assim como os estudos históricos nos revelam a composição dessas confrarias e sua variação no tempo. Na elucidação da clientela algumas perguntas precisam se formular, tais como: quem encomendava?, Para que encomendava?, Como encomendava?, Como garantia a encomenda?, Como determinava e controlava?, Como pagava?.

Estudo dos artistas

Da mesma forma, é fundamental formar o perfil dos artistas que trabalharam na ornamentação dos templos, conhecer a individualidade de cada um e a identidade de classe. Para tal, é necessário inquirir: Quem eram?, Que especialidades tinham?, Que classe social compunham? Qual o status social?, Como adquiriam formação artística?, Como se organizavam?, Como garantiam seus direitos?, Qual a proveniência?, Onde moravam?.

Muitas são as fontes que podem ajudar à elucidação destes aspectos. Os registros de batismos são muito precários, mas os de óbitos revelam a idade do artista quando morreu, a freguesia onde morava, a causa da morte e alguns outros dados que dependem do maior grau de detalhamento do pároco. Os testamentos e inventários fornecem dados mais precisos sobre filiação, nome da mulher, nome e data de nascimento da prole, trabalhos que estava realizando quando testou, bens materiais e financeiros, cargos e outras atividades que exerciam. As crônicas artísticas da época ou de tempo próximo, assim como as obras pioneiras de História da Arte, fornecem atribuições, explicitam relações de mestre e discípulos e vinculações em oficinas e parcerias.

A documentação arquivística das confrarias (livros de termos e acórdãos e recibos avulsos) e os Livros de Tabelaes do período estudado dão certeza das autorias e circunstâncias do trabalho. Em Salvador, os almanaques editados anualmente informam o endereço dos artistas, o que permite ao pesquisador

localizá-los na cidade, verificar se tendiam ao arruamento ou se dispersavam, se forneciam o endereço do canteiro de obras em que estava trabalhando, se habitavam no centro ou na periferia, se habitavam as freguesias nobres, anúncios publicitários e informações sobre condecorações recebidas.

A documentação de entrada de irmãos e de registro de sócios de confrarias e sociedades dizem das filiações, da cor da pele e endereço dos artistas associados e período de associação. Do mesmo modo, a documentação de instituições arte-educacionais pode indicar os artistas que ajudaram a fundá-las, os que assumiram cargos na diretoria, os que se tornaram professores, que disciplinas ministravam. Em Salvador, os documentos da Casa Pia e Colégio dos Órfãos de São Joaquim apontam os artistas que solicitaram órfãos para aprenderem os ofícios nas suas oficinas. As monografias sobre as instituições são mananciais de informações de interesse, mas pecam sempre pela desatenção aos assuntos da arte.

Estudo das relações clientela – artistas

Essas relações estão explicitadas nos contratos de obras de talha, pintura e douramento e nos termos e atas que registram o cotidiano das obras, sua administração e desempenho. Em geral, os contratos exibem, para segurança das duas partes, a descrição detalhada das obras – não há maior detalhamento que aquele dos contratos das obras de talha e alguns contratos de douramentos e pinturas –, determinam o prazo de entrega da obra concluída, o plano de pagamento, fazem observações sobre o aproveitamento ou não de peças antigas de talha, às vezes do método de pintura, observações de ordem estética. Sempre que há conflitos entre os contratantes e contratados, as atas costumam fornecer informações mais precisas sobre o funcionamento e organização do trabalho que jamais são reveladas em estado de calma dessas relações. Aliás, a história desses conflitos deve ser contemplada pelo historiador da arte brasileira, pois nela estão projetadas uma série de nuances que dizem respeito à concorrência e à administração das obras.

Estudo da sociedade e sua cultura

Neste setor da pesquisa persegue-se o entendimento da sociedade e da cultura no tempo em que a manifestação artística ocorreu, buscando-se os nexos entre filosofia, religião, economia, política, conflitos sociais, cultura de classe, ciência, ideologias, hábitos, gosto, mentalidade e arte. Neste emaranhado a arte não é decorrência como pensavam e ainda pensam alguns historiadores, ela atua concomitantemente, assumindo, às vezes, a primeira posição no cenário das mudanças.

O pesquisador necessita, ao focar a arte da talha, ter em mente a natureza religiosa engendradora dessa manifestação, suas implicações simbólicas, também as suas razões mundanas assentes na vaidade humana, suas justificações políticas e ideológicas de uma religião majoritária identificada com o poder real, aculturadora e mantenedora da “ordem” social escravocrata. Deve atentar para os acontecimentos mundiais e locais do tempo e perceber de que maneira esses acontecimentos influem na dinâmica da cultura, definindo o papel da arte nesse contexto.

Este estudo tem uma vasta fonte bibliográfica publicada em língua estrangeira e vernácula para todos os tempos em que vigorou a arte sacra católica tridentina, conta também com documentação arquivística, dos próprios documentos das instituições que constituíam a clientela dos artistas entre outras.

A síntese dos estudos

A abrangência de todos os aspectos a serem pesquisados e elucidados e o mecanismo da ação investigadora dos cientistas humanos da arte podem ser desenhados em forma de círculos concêntricos, onde o núcleo é a talha, e cada círculo, de fora para dentro, corresponde a cada etapa, que começa com a elaboração do projeto de pesquisa e cadastramento da amostra, seguido da pesquisa da bibliografia geral, da bibliografia específica, de documentos iconográficos e estilísticos, documentação primária. Cada círculo interpenetra no outro através de setas que se dirigem de dentro para fora e de fora para dentro, indicando que as etapas vão se alimentando e promovem diálogos contínuos e intensos, em um processo de retroalimentação e de aprofundamento do conhecimento destinado à comunicação e à socialização, fim primeiro e último da ação científica.